

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

TESSITURAS DA BIBLIOTECONOMIA A PARTIR DAS RELAÇÕES DE GÊNERO (1962-2019)

Esdra Basílio

Universidade Federal de Goiás

basilioesdra@ufg.br

E é sintomático reconhecer que a profissão do bibliotecário foi um dos espaços mais concretos para a ocupação das mulheres em seu processo emancipatório, ao ponto de que, ainda hoje, algumas pessoas pensem ser uma profissão feminina. E as mulheres foram decisivas na evolução da profissão, a julgar pelas grandes lideranças femininas.¹

Neste artigo objetivamos contextualizar a inserção das mulheres na profissão de biblioteconomia à luz dos estudos das relações de gênero. Destaco que as considerações apresentadas neste artigo integram a minha pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Goiás. Busco compreender como se deu o processo de feminização da biblioteconomia no Brasil. Minha proposição é que o fato de a profissão de biblioteconomia ser exercida majoritariamente por mulheres tem relação direta com a invisibilidade e a falta de prestígio que a biblioteconomia tem na sociedade brasileira.

Compreendo o estudo em biblioteconomia como um lugar, cuja prioridade não é a hierarquização das questões sociais, culturais, mas sim uma articulação entre elas para identificar como se procede a construção do papel subjugado das mulheres na profissão. “A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador/a ou mesmo da descoberta de outros documentos ou

¹ Trecho do prefácio escrito pelo bibliotecário Antônio Miranda, contido no livro; CASTRO, Cesar Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000. p.14.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fontes” (TEDESCHI, 2014, p. 48). Nesse sentido, busco, por meio de perguntas relacionadas à feminização da biblioteconomia, refletir sobre a construção social da área.

Para tanto, há que se repensar e que se rever os valores, cujo percurso passa pela reconstituição histórica do curso de Biblioteconomia no Brasil e pela correlação de forças que foram estabelecidas para a sua inserção nas chamadas profissões de cunho liberal e na consciência de que as relações de gênero, por serem hierarquizadas, é que têm colocado as mulheres em situação de desprestígio social, principalmente naquelas profissões onde há o predomínio do sexo masculino. (FERREIRA, 2003, p. 190).

Dessa maneira, mesmo as mulheres sendo maioria na Biblioteconomia, constato, nesta fase da pesquisa, que elas não possuem destaque na bibliografia sobre a história da profissão. São poucas as pesquisas de bibliotecários/as que, no Brasil, têm refletido sobre as relações de gênero como categoria de análise para pensar a biblioteconomia. Para tanto, “Ao falarmos de gênero, nos situamos simultaneamente no campo de concepções e ações e o consideramos como um operador de diferenças, pensando como um “através”, um meio pelo qual se organizam relações sociais, marcando experiências”. (TEDESCHI, 2014, p. 19, grifo do autor).

Nessa perspectiva, compreendemos que a história da biblioteconomia no Brasil é sedimentada a partir da narrativa escrita por homens, ressaltando os feitos e as realizações apenas por homens, construindo, assim, uma história de prestígio do protagonismo masculino na área da biblioteconomia. Por outro lado, as contribuições das mulheres não foram registradas nos livros de biblioteconomia, são omitidos os nomes das grandes bibliotecárias responsáveis pelos marcos históricos ou, em alguns casos, apenas menciona-se o nome sem dar a devida atenção e importância às ações de determinadas bibliotecárias para o crescimento e avanço da área no Brasil.

Vale destacar que essas mulheres são pouco conhecidas e possuem os seus legados invalidados e até apropriados por bibliotecários. Para ilustrar, apresento a seguir o título de alguns livros basilares para a biblioteconomia, que são amplamente conhecidos e utilizados nos cursos de graduação em biblioteconomia, livros que constam nas bibliográficas básicas dos cursos. Como exemplo, cito três autores notáveis no campo do ensino da biblioteconomia e algumas de suas obras, quais sejam: (i) Edson Nery da Fonseca com *Introdução à biblioteconomia* e *A biblioteconomia brasileira no contexto*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mundial; (ii) Cesar Augusto de Castro com História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica; (iii) Francisco das Chagas de Souza com O ensino da biblioteconomia no contexto brasileira e Biblioteconomia, educação e sociedade. Essas obras são indicadas pelos professores e professoras sobre o surgimento do ensino da profissão no Brasil, dando visibilidade sobretudo a nomes masculinos. Essa omissão por parte dos intelectuais bibliotecários é proposital. As mulheres bibliotecárias enquanto sujeitas da história da biblioteconomia são invisibilizadas.

Dessa forma, ficam explícitas as relações de força e de poder nos discursos e nas representações propagadas amplamente nos livros, artigos, nomes de prêmios da área, em relação à história do surgimento e do desenvolvimento da profissão no Brasil. Portanto, é relevante reescrever a história da biblioteconomia ao se lançar mão dos documentos sobre o surgimento da biblioteconomia e de sua consolidação no Brasil. Nesse sentido, busco em Luca (2020, p. 25) a constatação de que “a interpretação do passado está sempre em mutação”.

De acordo com Ferreira (2003), a escassez de pesquisas que utilizam da categoria gênero para refletir sobre a biblioteconomia “torna a discussão quase sempre difícil, já que as profissionais da informação, em geral, não relacionam a desvalorização social da profissão com o fato dela ser uma categoria predominantemente feminina” (2003, p. 193). Dessa forma, é de grande importância problematizar a biblioteconomia à luz dos estudos de gênero. Utilizo a categoria gênero a partir da definição criada pela historiadora Joan Scott ao afirmar que “gênero é um modo primeiro de significar as relações de poder” (1995, p. 11). Ela enfatiza que

Gênero é a lente de percepção através do qual, nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino. Uma “análise de gênero” constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos. (SCOTT, 2012, p. 332, grifo da autora).

Para Pedro (2005, p. 79), “a categoria gênero foi criada como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres”. Dessa forma, entendo que os discursos de gênero, de acordo com Scott (1995), são um fator importante na organização das relações sociais, com hierarquias entre homens e mulheres na sociedade no âmbito das profissões e do trabalho. “Posto que a diferença entre os sexos é uma construção, pode-se assim

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desconstruí-la, em todos os níveis (teorias e práticas, representações e fatos, matérias, palavras e coisas)”. (PERROT, 2008, p. 24).

Dessa maneira, parto do pressuposto que a Biblioteconomia é uma profissão feminina dado o número significativo de mulheres presentes na área. Nesse sentido, a categoria gênero possibilita refletir sobre as relações de gênero e ainda amplia a compreensão em relação aos elementos que compõem as representações sobre a profissão de biblioteconomia e também os aspectos da subjetividade na constituição das diferenças culturalmente determinadas entre bibliotecárias e bibliotecários. “O gênero tornou-se um instrumento valioso de análise que permite nomear e esclarecer aspectos da vida humana”. (RAGO, 1998, p. 96).

MULHERES NA BIBLIOTECONOMIA

Para compreender como ocorreu o processo de inserção das mulheres nos cursos de formação em biblioteconomia é importante traçar um panorama sobre como se deu a incorporação das mulheres² no âmbito da educação e do trabalho fora do lar. Michelle Perrot (1998), em seu livro *Mulheres Públicas*, pontua que as mulheres enfrentaram muitas dificuldades para exercer trabalhos fora de casa de forma a receber um salário. A datilografia foi uma das primeiras profissões exercidas por mulheres; elas trabalhavam em escritórios, e esse progresso do trabalho assalariado se deu no século XIX, sobretudo na França. Um dos fatores que contribuiu para o avanço das mulheres no trabalho fora de casa foi a industrialização, que criou uma grande demanda de mão de obra.

De acordo com Perrot (1998, p. 104), “Dentre as primeiras profissões assumidas na França pelas mulheres, temos os ofícios ligados à educação e à formação: professora primária, bibliotecária e, antes de tudo, preceptora”. Nesse sentido, as escolas normais

² Ressalto que as mulheres que tinham a possibilidade de estudar, almejando uma carreira como a do magistério, eram mulheres de famílias abastadas e predominantemente possuíam a cor da pele branca; as mulheres negras, indígenas, imigrantes não tinham acesso à educação e exerciam trabalhos exaustivos fora de casa desde a juventude, trabalhos como lavadeiras, babás, cozinheiras, ou seja, trabalhos subalternizados. Angela Davis (2006, p. 24), afirma que “Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

foram as primeiras universidades das mulheres. Para Perrot (1998, p. 110), “existe uma incessante recomposição das fronteiras entre as profissões masculinas e femininas.”

Se olharmos de forma atenta para a história do magistério, é possível perceber muitas semelhanças em relação à biblioteconomia, bem como transformações e permanências nas duas áreas que surgiram tendo os homens como protagonistas. No entanto, ocorreu uma virada em relação à proporcionalidade de mulheres e homens exercendo o mesmo ofício; as mulheres se tornaram maioria na área do magistério e o mesmo ocorreu no campo da biblioteconomia. Outro ponto semelhante é a questão dos baixos salários e a falta de valorização de ambas as profissões. Em relação à atuação das mulheres fora do espaço da domesticidade, Pedro ressalta:

muitas profissões mais rendosas e prestigiadas, assumidas pelas mulheres – professoras, enfermeiras, modistas etc. têm sido consideradas femininas por serem extensões de suas atividades no lar. Entretanto, foi através de algumas destas profissões que muitas mulheres ganharam destaque na esfera pública; eram professoras, por exemplo, as principais sufragistas. A educação neste caso, pode ser pensada com um capital simbólico como o passaporte para assuntos públicos. Foi desta forma, através da profissão de professoras, que muitas mulheres tiveram participação política, candidatando-se, inclusive, a cargos públicos. (PEDRO, 2000, p. 36).

Na área da biblioteconomia, o percurso da inserção das mulheres teve incremento a partir do século XX por conta de alguns fatores, quais sejam: ser ministrado apenas durante um período do dia, possuir curta duração, a biblioteconomia ser compreendida como uma área semelhante ao magistério, tendo como princípio o ato de ensinar, ser uma área sem concorrência para ingressar no curso, e o fato de as ingressantes terem gosto por livros.

Nessa perspectiva, a profissão de biblioteconomia, se encontra na esteira das profissões chamadas feminizadas, como o magistério, a pedagogia, a enfermagem, o serviço social, que são profissões onde a mulher exerce a ação de cuidar do outro, de ensinar. “A mulher é considerada um ser puro, dedicado, submisso, passivo, leal, obediente, conservador, com respeito à autoridade e hierarquia, de grandes qualidades morais, educadora primeira na sociedade”. (MARTUCCI, 1996, p. 242).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A bibliotecária e ativista feminista Miriam Botassi³, já em 1984, refletia sobre os significados da profissão de biblioteconomia ser exercida principalmente por mulheres, e as circunstâncias que levam mais mulheres em detrimento dos homens a escolher o curso.

Enquanto, mulheres, de acordo com nossa formação, seríamos levadas a prestar serviços ou cuidados e se não bibliotecárias, seríamos enfermeiras, assistentes sociais, ou exerceríamos profissões “úteis” à sociedade, de “natureza” especificamente feminina. Transportamos, dessa maneira, nossa condição de mulher, colocada em posição inferior na sociedade, para nossa profissão. (BOTASSI, 1984, p. 3, grifos da autora).

Dessa forma, Botassi (1984) problematiza o lugar reservado às mulheres em relação às profissões ligadas ao ambiente feminino como uma extensão do lar, profissões que possibilitam o exercício das habilidades tidas como femininas, como a ação do cuidado, do servir, da amabilidade. Mesmo com os avanços proporcionados pelas reivindicações das mulheres, a partir da atuação dos movimentos feministas, em relação à ocupação dos espaços na sociedade antes dominados pelos homens e a paridade salarial é interessante perceber que existe “uma cultura sexista e hierarquizada, introjetada em toda sociedade, e continua a se fazer valer no caso de escolhas de profissões”. (PUGA, 2019, p. 710). Sobre a atuação das mulheres no mundo do trabalho, Pulga (2019) salienta:

Constata-se que é no espaço social do trabalho que as desigualdades e discriminações são mais evidentes e acabam por determinar o acesso e a permanência no emprego. Apesar da participação das mulheres no mercado de trabalho, visivelmente significativa a partir dos anos de 1990, ainda persistem diferenças salariais, ausências femininas em postos de liderança. (PULGA, 2019, p. 711).

Dessa maneira, a presença de mulheres atuando como bibliotecárias constitui um marco significativo para o campo do conhecimento. Entretanto, apesar da feminização, acredito que permanece a divisão sexual do trabalho na área da biblioteconomia.

Em São Paulo, no ano de 1926, segundo Rodrigues (1945), o então diretor do Colégio Mackenzie⁴, William A. Waddell, contrata para atuar como bibliotecária na Biblioteca intitulada George Alexander, a jovem Adelpha Silva Rodrigues: “a direção do

³ Miriam Botassi (1947- 2000) foi uma ativista feminista e bibliotecária de grande destaque por sua atuação em defesa dos direitos das mulheres; foi a fundadora do CIM – Centro Informação Mulher situado em São Paulo.

⁴ Atualmente Universidade Presbiteriana Mackenzie

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Instituto Mackenzie sentiu a necessidade de proporcionar à sua bibliotecária as facilidades de orientação biblioteconômica então em grande progresso nos Estados Unidos”. (RODRIGUES, 1945, p. 8). Nesse sentido, o diretor do Instituto Mackenzie contratou a bibliotecária americana Dorothy Muriel Geddes para vir ao Brasil com os propósitos de “preparar a bibliotecária do Mackenzie para fazer o curso de biblioteconomia nos Estados Unidos e substituí-la durante sua permanência nesse país”. (RODRIGUES, 1945, p. 8).

Dessa maneira, em 1929, chega ao Brasil Mrs. Dorothy Geddes, percursora em relação aos avanços da biblioteconomia em São Paulo e teve grande relevância em todo o Brasil. Com a partida de Adelpha Rodrigues para estudar na Universidade de Columbia nos Estados Unidos, Mrs. Dorothy Geddes ficou responsável pela direção da Biblioteca do Instituto Mackenzie e também pelo curso elementar de biblioteconomia com duração de um ano.

Nessa perspectiva, temos como marco significativo a atuação da bibliotecária Adelpha Figueiredo. Para Ferreira (2003, p.195), “a entrada das mulheres nos cursos de biblioteconomia dá-se no final da década de vinte, sendo Adelpha Figueiredo a pioneira”. Desse modo, a biblioteconomia americana influenciou a entrada das mulheres na área. Nesse sentido, Adelpha Figueiredo foi a primeira bibliotecária brasileira a se graduar na Universidade de Columbia nos Estados Unidos em 1931. E ao retornar para o Brasil, ela reassume a direção da biblioteca do Colégio MacKenzie e a liderança do curso de Biblioteconomia: “com a sua chegada, o curso ganha nova dinâmica e impulso, passando a ser o centro convergente do saber biblioteconômico paulista”. (CASTRO, 2000, p. 68)

Rodrigues (1945) ressalta que, em 1931, a segunda turma do curso de biblioteconomia era composta exclusivamente por mulheres:

o curso de bibliotecários do Mackenzie dava às alunas as quatro matérias básicas de um curso técnico de biblioteconomia: catalogação, classificação, referência e organização ou, mais propriamente, métodos técnicos. (RODRIGUES, 1945, p. 9).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a biblioteconomia na década de 30 já tinha como característica a predominância de mulheres. Um dos elementos que contribuiu para

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a inserção das mulheres na área foi a institucionalização dos cursos no país e sua descentralização.

Desde o início da década de 1930, as mulheres vêm marcando presença forte na Biblioteconomia brasileira, onde podemos destacar a primeira mulher na área Adelpha Silva Figueiredo, que por conta da sua atuação profissional, e que junto à Rubens Borba de Moraes, instituiu a Biblioteconomia no estado de São Paulo. Desde então, a presença da mulher na Biblioteconomia brasileira só aumentou no sentido que hoje constituem mais de 80% da categoria. No entanto, por conta da existência da discriminação contra as mulheres percebe-se que por mais feminina que seja a Biblioteconomia brasileira, as bibliotecárias sofrem por conta do preconceito de gênero. (SILVA; BURIN, 2018, p. 219).

Dessa maneira, o ensino da biblioteconomia em São Paulo teve como influência a biblioteconomia ensinada na Universidade de Columbia em Nova Iorque, onde eram priorizadas as técnicas de organização em relação às práticas biblioteconômicas. Contudo, os ensinamentos eram diferentes dos princípios ensinados na Biblioteca Nacional a partir da *École Nationale de Chartes* na França, que priorizavam a formação erudita e humanista dos/as bibliotecários/as. Dessa maneira, a biblioteca do Colégio Mackenzie foi o laboratório e o centro de ensino do segundo curso de biblioteconomia do país em São Paulo. “O curso do Mackenzie encerra suas atividades quando da criação do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, em 1936” (CASTRO, 2000, p. 69).

Em relação ao pouco prestígio que a profissão de biblioteconomia tem na sociedade, Xavier afirma:

ainda que a desvalorização que acomete a Biblioteconomia brasileira seja derivada do descaso dado às profissões feminizadas, vale reforçar que os avanços da profissão são conquistas destas mulheres que, dada a certas condições sociais, conseguiram ascender e elevaram a Biblioteconomia a outro patamar. (XAVIER, 2020, p. 109).

Nesse sentido, entendo que debater e levantar discussões sobre o protagonismo da mulher na Biblioteconomia, assim como em toda a área da Ciência da Informação, é significativo no que tange às suas ações e contribuições. O movimento de visibilizar essas mulheres que fizeram história por meio de suas ações na área devem ser de conhecimento

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de todas/os estudantes de graduação em biblioteconomia. Nas palavras de Botassi (1984, p. 3), nós bibliotecárias “deveríamos assumir uma postura ativa, rompendo com todas as afirmações deterministas sobre nossa condição - de mulher”. É importante que se tenha espírito crítico e consciência profissional, além de afirmar e divulgar a importância do papel da biblioteconomia na sociedade, que é tratar a informação e disponibilizá-la, independentemente do suporte para quem necessitar dos espaços das bibliotecas. Dessa maneira, caminharemos rumo à promoção do empoderamento feminino das bibliotecárias brasileiras, conquistando cada vez mais respeito e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984. Disponível em:

<<http://www.abecin.org.br/ebooks/revista-palavra-chave>>. Acesso em: 4 jun 2021.

CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus. 2000.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, ago. 2003. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/tinf/a/b8fgrXCGZw83LwtjrL3LbcG/?lang=pt>>. Acesso em 2 jun. 2021.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEDRO, Joana Maria. As mulheres e a separação das esferas. **Diálogos**, Maringá-PR, v.4, n.4, p.33-39, 2000.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 2 jun. 2021.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

PULGA, Vera Lúcia. Trabalho feminino/ profissões femininas. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados,MS: UFGD. 2019. p.708- 712.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissão do magistério e da biblioteconomia uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225- 244, jul./dez.1996.

RAGO, M. Descobrir historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 11, p. 89- 98, 1998. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 2 jun. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RODRIGUES, Adelpha Silva. **Desenvolvimento da Biblioteconomia em São Paulo**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1945.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, n. 2, v. 20, jul./dez. 1995. Disponível em: <
<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>.
Acesso em: 2 jun. 2021.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. Tradução de Ana Carolina Eiras Coelho Soares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. **Projeto História**. v. 45, mar. 2012. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>>. Acesso em: jun. 2021.

SILVA, Andréia Sousa da; BURIN, Camila Koerich. A importância do letramento político: analisando o protagonismo das bibliotecárias à frente das entidades de classe. In: SILVA, Franciele Carneiro Garçês da; ROMERO, Nathalia Lima (Orgs.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 215- 248.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados,MS: UFGD, 2014.

XAVIER, Ana Laura Silva. **A Presença do feminino na Biblioteconomia Brasileira: aspectos históricos**. 2020. 143 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, da Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2020. Disponível em: <
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193372>>. Acesso em 5 jun. 2020.